

Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Ano 4 - Nº 12 - Setembro de 2012



ARNILSON JUNIOR

Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 4 – Nº12 – Setembro de 2012

ISSN: 2238-930X



www.revistablecaute.com.br



www.facebook.com/revistaBlecaute



revistablecaute@gmail.com



[@revistablecaute](https://twitter.com/revistablecaute)



<http://nucleoblecaute.org>

Copyright © 2012, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: uma revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA: Diversidade, 2012

Arnilson Montenegro (arnilsonjunior@hotmail.com)

Técnica: xilogravura; impressão em papel Canson creme 180g

Cópia única colorida; Dimensões: 46,5 x76 cm (área impressa);

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

gaudencio_bruno@yahoo.com.br / @BrunoGaudencio

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com / @jan_macedo

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com / @j_matias

Flaw Mendes (Editor Visual)

flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 4, n. 12

(Setembro de 2012) – Campina Grande, 2012.

p.: 67, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

- 05| **Editorial**
- 06| **Conto:** Cláudio Portella (CE) - Carnaval, Cinzas
- 11| **Poemas:** Jovino Machado (MG) - Educação sentimental e outros poemas
- 14| **O Santo Ofício:** Franklin Jorge (RN)-Otto Maria Carpeaux e a Literatura
- 16| **Conto:** Reynaldo Bessa (SP/RN) - Homem não presta
- 18| **Poemas:** José Inácio Vieira de Melo (BA/AL) - Pedra Só
- 28| **Conto:** Fabiana Araújo (PB) - Como escrever uma crônica
- 30| **Tiradas do Baú:** Raoni Xavier (PB)
- 31| **Poemas:** Abreu Paxe (ANG) - Projecto poético Nkalu a maza
- 38| **Ensaio:** José Mário da Silva (PB) - Nelly Novaes Coelho: uma mestra da crítica literária brasileira
- 42| **O Aeropago:** Valdênio Menezes (PB) - Meu pai é Ahab
- 44| **Conto:** Rafael Cal (RJ) - Amargo
- 47| **Poemas:** Clarissa Macedo (BA) - Lembrança, verão pontual e outros poemas
- 51| **Estante:** Gabriela Souto (PB) - A mulher do viajante no tempo, de Audrey Niffenegger.
- 53| Will Simões (PB) - Criatividade e os processos de criação, de Fayga Ostrower
- 54| **Ensaio:** Homero Gomes (PR) - Maldição da Leitura
- 58| **Poesia Imaginada:** Flaw Mendes (PB) - 01:01h
- 59| **Conto:** Jhésus Tribuzi (PB) - Perdido entre todos os rostos do mundo
- 62| **Poemas:** André Ricardo Aguiar (PB) - Estudo sobre a Leveza e outros poemas
- 66| **Artista da Capa:** Arnilson Montenegro Jr.





CARNAVAL, CINZAS

Por Cláudio Portella

17.02.96

Toda relação conjugal consiste em: você se vender ou comprar alguém.
Constatar esse fato me deixa triste. Tenho ficado triste muito facilmente. Pronunciado assim soa estranho. Mas é isso que vocês ouviram.

Ou você se vende ou compra alguém.

18.02.96

Você é o meu coração pintado. O que tem pintado de curtição! De baratismo!
Mas entre uma felação e outra, sobra tempo para conversar. Para destilação de cultura inútil. Para o “to make short a long story”.

O que consegui lembrar

Estou me apaixonando. Voltando atrás. Sinto-me à vontade demais. Muito descontraído. Com mulheres jamais me senti assim. Era preciso satisfazê-las. Tinha que dar tudo e me contentar com nada. Mulheres querem ser cuidadas. Homens cuidam. Estou me apaixonando. Homens cuidam. Estou me apaixonando por Caio. Homens cuidam. Ele me dá tudo e não cobra nada. Eles se dão como elas deviam se dar. Agora percebo que só o homem é capaz de amar o homem. Só se ama o que se respeita. E é exatamente essa a diferença entre o amor de um homem e o de uma mulher. O respeito. Não se ama o que não se respeita. E mulheres não respeitam homens, temem.

Carnaval

Como estabelecer uma ordem do que faço no carnaval? Sempre tive mania de relacionar os fatos, de querer desvendar os acontecimentos, esmiuçar a cena até o fim. Todavia, nesse carnaval, cenas surpreendentes acontecem. Mas não me interessam. Devo ficar tão perplexo que minha reação é extasiante. Ou então devo estar sempre bêbado para fazer relações. Só me resta fazer uma lista do que mais faço neste carnaval.

Como Cassandra

Fumo

Tomo café
Bebo
Assisto televisão
Leio “Eu sei que vou te amar” de Arnaldo Jabor
Escrevo

Nem todo anjo é terrível

Há horas estamos grudados. Nossas bocas unidas sussurram mentiras mútuas.

- Diz que você é o meu homem.
- Eu sou seu homem.
- É sim. Você é o meu macho, meu marido, meu namorado...

As armas caem por terra, à medida que grudamos um no outro, e matamos o medo, e afrontamos o preconceito. Tudo se torna leve, a partir do momento que fica claro que esse “tudo” tem sua hora. E há horas estamos grudados. Meu pênis, seu ânus e o gel lubrificante formam um triângulo equilátero. Mas, mesmo assim, nossas bocas unidas continuam a sussurrar.

- Diz que me ama. Diz.
- ...
- Fala!
- ...
- Vamos! Diz.
- Eu...
- Fala!
- ...Amo
- Fala seu veado!
-Você.

Cinzas

- Você é minha?
- Até você enjoar.
- Eu não vou enjoar nunca.
- Não sabe o bem que faz ouvir isso.

- Sei, sim
- Então fala que sou sua mulher, a sua mulherzinha.
- Minha mulherzinha, minha vaca, minha putona.
- Sou. Sou. Sua. Inteirinha.
- Vamos parar com esse papo.
- É só fantasia, bobinho.
- Sei.
- Então?
- Então o quê?
- Você é meu?
- Não!
- Isso. Assim. Maltrata. Me chama de bicha safada.
- Bicha safada.
- Isso. Agora de veado escroto.
- Veado escroto.
- De traveca fuleragem.
- Chega! Tá enchendo o saco.
- Desculpa.
- Não precisa pedir desculpa.
- Precisa. Quando estou apaixonada me deixo levar. Fico grudenta.
- Não é isso. O clima tá muito possessivo.
- E daí?
- Tenho medo.
- Medo ou dúvida?
- Do que você está falando? Dúvida de quê?
- De não ser homem. Não ser macho.
- O que é isso aqui? Seu traveca fuleragem.
- Eu também tenho pau. Ó. Ó.
- Tira esse pau de perto de mim.
- Um pau não faz de você um homem.
- É. Sei.
- De que tem medo então?
- Do meu pau. De não saber o meu papel na cama. De me tornar passional.
- Não vamos intelectualizar nossa cama. Você é meu homem e eu sou sua mulher.
- Não quero você como mulher.
- Desculpa. Eu já devia saber...
- Não precisa pedir desculpa. Porra!

- Desculpa.
- Quero você como gente. Com todos os defeitos possíveis. Quero possuir você como homem. Mas, acima de tudo, quero lhe currar como gente.
- Não tenha medo. Você é o meu, e eu sou o seu.

A linha

Vejo passar uma linha ao meu lado, do seu lado, sobre os oceanos, continentes e padrões sociais. A linha que divide comportamentos. “Comportamentos estranhos”, tão avessos que precisam ser definidos. A sociedade obriga entendimento. Clama por preconceito. A única linha benquista é a do equador. Passou dessa linha é misantropia. O que dizem os antropólogos? Uma forma de controle populacional? Não existe veado chinês? Ou falta de vergonha na cara? Safadeza mesmo? Porém a linha não é apenas metafórica, ela vira corda e estrangula o real. Sufoca até mesmo quem se apega a ela para sair do labirinto, depois de ter matado o Minotauro. Do que eu estou falando? Eu estou falando do meu amor de carnaval.

O “Eu” falando com o “Mim”

Rios derramam-se sobre lençóis. Olhos. Embarquei em mais uma relação, é preciso. Precisamos. Precisamos ir mais longe que esse legado de acordos. Será? Será? Talvez? Contudo? Porém? Será que devo esbofeteá-la? “É só fetiche bobinho”. Entre quatro paredes tudo é permitido. Viver é permitido. Provas de amor são para provar. Para revelar carinho e afeto. Carinho e afeto. Carinho e afeto. Afeto e carinho. Palavras... palavras bobas, melosas, açucaradas. Prefiro a palavra escândalo! Porque é escândalo, ter prazer em lambuzar todo o seu rosto com porra, e regar seu corpo com urina. Regar seu corpo com mijó. Para fecundar minha alma, para fazê-lo florir, para que ovule e sintam-se embuchado, para, para... para? Para o cheio, para o vazio, para nada. E, enquanto mijó em cima dele, lembro do que ele disse na Segunda-feira de carnaval:

“Você é só o alvo, o bom é o que eu sinto por você.”

Qualquer vagabundo me possui, mas só você goza na minha alma

- Por três razões me prendo a você.
- Quais?
- Porque meu espírito anseia, minha cabeça concorda e meu corpo festeja.

Há rivalidade e proteção em toda relação. Porém flui uma calma entre eu e Cassandra que

me surpreende. Quando ela lê Bhagwan Shree Rajneesh (OSHO), em voz alta, desprende-se de mim um turbilhão de sensações antagônicas – não por gostar do OSHO, para ser sincero acha-o charlatão – o tom da sua voz é o que desperta tais sensações. Sinto vontade de plantar um cajueiro, mas lembro com nostalgia quando rodei a Transamazônica com um enorme sorriso na face. Sinto ânsias de ter um filho, contudo a ausência de um útero me entenece. Sinto-me pronto a escrever um romance, entretanto sua voz de santa aplaca todo o meu ímpeto literário. Sua voz é como uma onda que me envolve por inteiro – cabeça, tronco e membros – uma onda sonora. Um canto. Uma oração. O cantar da sereia, que me arrasta para o fundo. Que me arrasta para o fundo. Me arrasta para o fundo. Arrasta para o fundo. Para o fundo. O fundo. O fundo de mim...

CLÁUDIO PORTELLA (CEARÁ). Escritor, poeta, crítico literário e jornalista. Autor dos livros *Bingo!* (2003), *Melhores Poemas Patativa do Assaré* (2006; 1ª Reimpressão, 2011), *Crack* (2009), *fodaleza.com* (2009), *As Visceras* (2010), *Cego Aderaldo* (2010), *o livro dos epigramas & outros poemas* (2011) e *Net* (2011). Colabora em importantes jornais, revistas e sites do Brasil e do exterior.

De Jovino Machado

educação sentimental

como abortar um amor
não é uma lição
que pode ser estudada na biologia
mas pode ser apreciada
em qualquer antologia

cind

amo a deus
apesar das dores

amo o diabo
apesar dos amores

amo você
sem apesar

noturna

ave maria
cheia de graça
é a cind menina
que vem e que passa
num doce balanço
caminho do bar

meu jeito bêbado de ser

tenho medo de ser atropelado
com uma lata de cerveja na mão
mas não seria bom
para a minha biografia
ser atropelado
sem uma lata de cerveja na mão

bebedeira

o tédio na banheira
é o intervalo
entre a ressaca
e a próxima bebedeira

ontem chorei
hoje chorinho
amanhã chope

café com letras

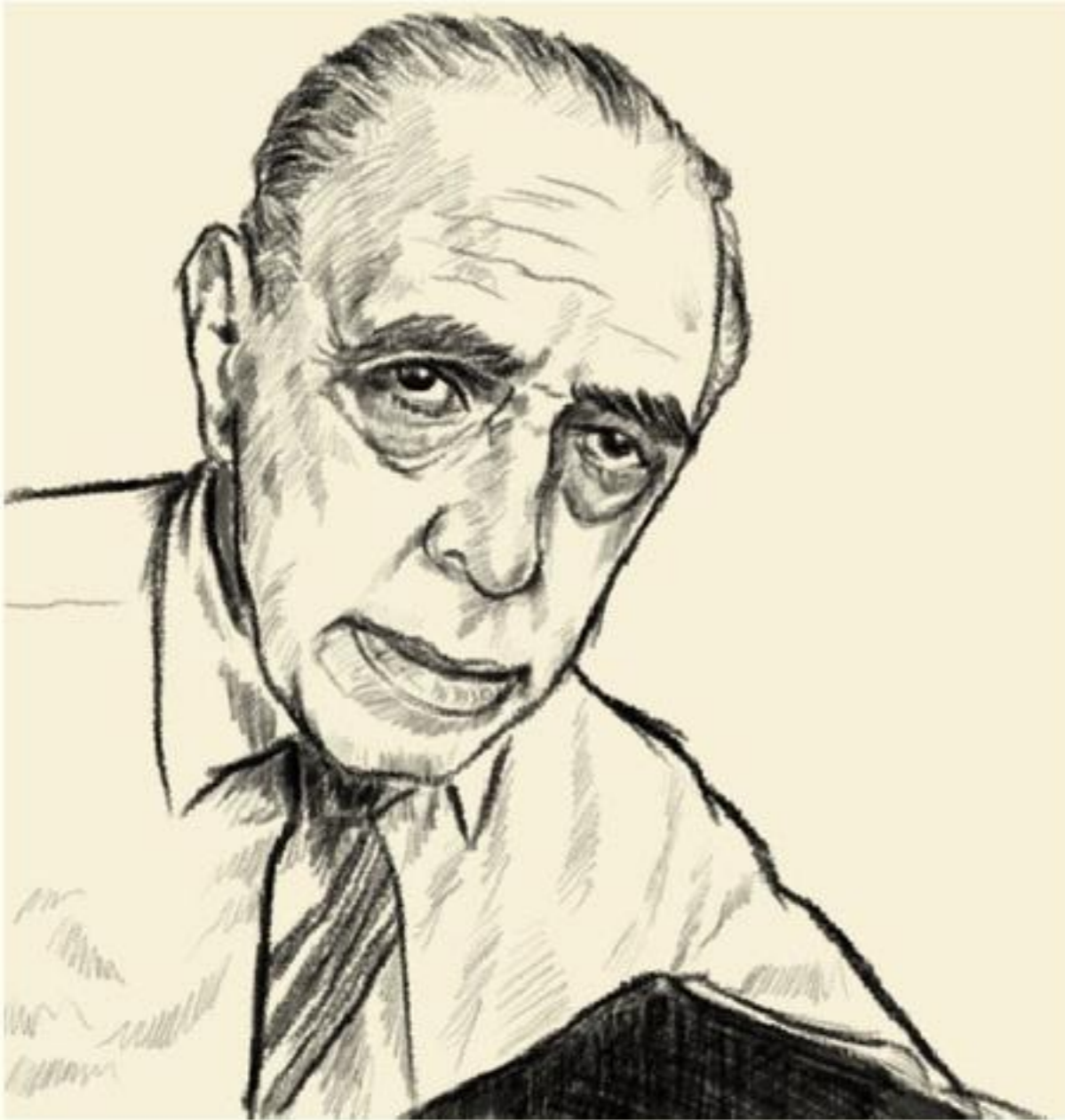
o chá é espiritual
o café é intelectual
o vinho é ritual
a prosa é conceitual

o meu chope é álcool

JOVINO MACHADO (MINAS GERAIS) – Poeta. Publicou vários livros, entre eles *Trint'anos Proustianos* (Mazza Edições, 1995), *Balacobaco* (Orobó Edições, 2002) e *Fratura Exposta* (Anomelivros, 2005). Tem participações em diversos projetos e antologias, como *A Poesia Mineira no Século XX* (Imago, Rio de Janeiro, 1999), *O Melhor da Poesia Brasileira – Minas Gerais* (Joinville, SC, 2002) e na antologia poética *O Achamento de Portugal* (anomelivros, Belo Horizonte, MG, 2005).

OTTO MARIA CARPEAUX E A LITERATURA

Por Franklin Jorge



Carpeaux, polígrafo e leitor exemplar, inscreve-se na história da cultura brasileira e universal, como o autor de um ensaísmo polimorfo que estabeleceu entre nós um incontestado padrão de qualidade.

Ler seus escritos constituía o primeiro dever do aspirante ao ofício das letras ou, mesmo, por exigência de formação de leitor que quisesse manter-se bem informado. Carpeaux era Carpeaux e isto já valia por uma afirmação de inteligência e autossuficiência intelectual. Eu o lia, nos últimos anos, sobretudo em “Reflexo e realidade”, a coletânea arranjada por Sebastião Uchôa Leite para a editora Fontana, edição que

me acompanhou por muitos anos, até ser roubada; creio que estava cheia de anotações. Foi nessa antologia que absorvi e saboreei o melhor, em resumo, de Carpeaux. Resultaria na leitura sistemática de Carpeaux em sua pluralidade magnética.

Antes, durante anos, havia lido outras produções do autor de “A cinza do Purgatório” e “Livros na mesa”, autor dotado de um estilo pessoal direto, contudo denso, segundo Álvaro Lins em artigo publicado no Correio da Manhã [Rio, 19 de abril de 1941], sob o título “Um novo companheiro”, apresentando o próprio Otto Maria Carpeaux ao Brasil, uma data memorável desde então para a literatura. Austríaco, fugindo do nazismo veio para o Brasil e aqui chegou em 1939. Tornou-se o que era, um homem de letras, um grande leitor que nos proporcionou a todos uma crítica cosmopolita que veio se juntar aos nossos melhores valores; uma crítica plural, profunda e abrangente, fazendo-se lida e admirada por aqueles que o puderam ler em jornal e livros, como eu o redescobriria em velhos recortes amalhados por minha avó e, por último, essa portentosa edição em dois volumes, até o momento, organizada pelo professor Olavo de Carvalho, autor, também, da introdução “Um exame de consciência”, 1999.

Carpeaux denominou uma época do jornalismo cultural. Deve ter servido de modelo para o Paulo Francis, porém, ao contrário de Francis, paramentado de uma cultura mais sólida. Um notável ensaísta que engrandeceu o gênero. Seu ensaio sobre Teresa de Ávila – que já não seria uma santa moderna quando Carpeaux escreveu algumas páginas que ficaram bem em seu hagiológico, o hagiológico de uma santa nascida num mundo descrito em seu “Libro de

fundaciones”.

Afirma Carpeaux que a história literária de Santa Teresa não está escrita. E informa-nos que devemos procurar os seus traços nos estudos esparsos de Carl Neumann, de Henri Bremond, de Manoel Bartolomé Cossio, de Max Wieser etc. Teresa ainda não foi devidamente descoberta e estudada, ela que na Espanha teve um público escolhido. Era lida pelo rei Felipe II e por Dom João d'Áustria, por Fray Luís de Leon e por Miguel de Cervantes.

Carpeaux dissecou e resume sem delongas o carma de Teresa de Ávila, nascida De Cepeda y Ahumada, filha de um Grande de Espanha; de uma Espanha barroca e rude. Lá viveu num mundo aristocrático onde prevalecia a frieza impassível do rei, a astúcia dos ministros, a imbecilidade dos bispos, a grosseria dos generais e a covardia dos burgueses. Um mundo cuja única figura que dominava era a do Grande Inquisidor Quiroga, que El Greco, levado pela intuição e o cálculo, pintou inesquecivelmente.

E, ao escrever sobre as verdades de Lichtenberg, apresenta-nos Carpeaux um filósofo que nos faz rir e refletir; e informa-nos que uma criada desastrada deixou cair o menino, filho de um pastor, nascido perto de Darmestádio, em 1742, e em consequência dessa queda, ficou a criança um anão corcunda para o resto da vida; um anão corcunda que estuda ciências matemáticas e se torna professor da Universidade de Gottingen.

O fascínio que exercia Carpeaux sobre o adolescente inquieto e fatigado que fui, então, ao iniciar-me de maneira ousada na leitura desse grande humanista que nos doou a Áustria. Seus ensaios esclareciam e orientavam. Não podiam faltar-nos. Dele memorizei o primeiro parágrafo de “Vico vivo”, que funda impressão intelectual provocou em mim, leitor suscetível ao encanto dos mestres. Enleia e seduz a magia de suas palavras:

“A estátua do filósofo Giambattista Vico ergue-se na Villa Nazionale, o parque municipal de Nápoles. Perto do mar, a figura de pedra, corroída pelo tempo, olha o panorama de Posillipo, da ilha de Capri, do Vesúvio, ao pé do qual a cidade submergida de Pompéia dorme...”

Fragmento de “História de minhas leituras” [inédito]

HOMEM NÃO PRESTA...

Por Reynaldo Bessa

Mãe de filhinha se separou recentemente. Vive dizendo: “homem não presta”. Filhinha não entende nada. É nova. Novinha. Treze aninhos, quase. Quando não está no mundo da lua, está numa pressa sem preço. Vasculha tudo, derruba, revira, procurando alguma coisa que nem ela sabe bem o que é e, depois que a encontra, deixa de lado. O quarto todinho bagunçado. Filhinha é bonita que é danada. Uma mulher quebrando o ovo. Ela nem sabe. Nossa! Como é bonita essa menina. Serpenteia... Serpenteia... Não anda, desliiiiiiiiiza. Seu corpo canta. Quando prende os cabelos, os meninos não conseguem respirar. Ela leva só alguns segundinhos pra fazer isso e eles ficam tontos pro resto de suas vidas! Cabelo liso, lisinho. O olhar da gente fica escorregando.

Filhinha tem agora os mesmos sonhos que sua mãe tinha: os galãs de novela. O terceiro esse ano tem um nome estranho que nem ela sabe pronunciar direito, mas ela gosta. É lindo, musculoso, rico, maravilhoso. Quando crescer, diz que vai casar com um deles, o mais bonito. Tem fotos de todos. Até no vaso sanitário. Quando os vê na TV, chora, chora tanto que dá até pena, mas logo está sorrindo, pois sua mãe lhe trouxe uma caixa de jujubas. Então, passa pesadamente cada mão em cada olho na intenção de desfazer as lágrimas e vai pra escola, sorrindo vermelho e fazendo um barulho molhado na boca. Nhec! Nhec! Nhec!

Filhinho é um menino tímido. Tímido demais. Não é feio, mas bonito também não é. Desengonçaaaado. Tropeça até no vento. Segurar xícaras pequenas é um de seus maiores martírios. Passa o dia inteiro tentando repor com o indicador, os óculos sobre o nariz. Parece gostar dessa brincadeira, pois é um cai e põe sem fim. Filhinho é um menino tão bom que às vezes ninguém o nota. Não fala muito, mas parece saber o que pensa. Mãe de filhinho também se separou, só que já faz algum tempo, mas ela continua dizendo: “Homem não presta”. E quanto mais ela fala mal do pai, mais filhinho sente vontade de conhecê-lo. Deixa um beijo silencioso nas bochechas cansadas da mãe e sai correndo pra a escola.

Bum! Zaz! Vixe Maria! Êta mundo pequeno! Filhinho e filhinha se encontraram pela primeira vez. Foi numa dessas esquinas. Juntos mergulharam num marzão. Foram lá fundo. Tudo sufoco e silêncio. Os olhos de filhinha pegaram fogo, pareciam estrelas nascendo. Filhinho bateu a boca, mas não saiu nada. Ficou com o queixo caído parecendo boneco de ventríloquo. Num gesto que nem ele compreendeu, tentou abotoar um botão da camisa que já se encontrava abotoado. Filhinha ajeitou o cabelo, na verdade desajeitou. Cada um sorriu a metade de um sorriso que juntando dava um sorriso inteiro. Lentamente foram desviando um do outro como lutadores em um ringue. Filhinho olhando ainda para trás ensaiou uma corrida. Filhinha não olhou, não teve coragem. Foi-se cobrindo os seios com os livros, percebendo agora que eles existiam. Filhinha passou a tarde toda trancada no quarto numa escuridão capaz

de assustar a própria escuridão. Os olhos colados no futuro. Um sorriso boiando nos lábios... Pensava... Então é isso. É disso que as pessoas fogem, matam, se escondem, se entregam, falam baixinho, roubam, fazem as guerras? Será que é pra isso que as flores nascem? Depois do encontro ela não consegue mais escolher roupa, nada fica bom. É preciso comprar mais. Acha que não tem nada. O guarda-roupa abarrotado: ela parada, cabeça baixa, olhando de lado.

Filhinho não come. Teve sua primeira nota vermelha. Ah, nem ligou. De vez em quando vai até a esquina e refaz a cena. Só que fala. Fica falannnnnnnnnte.

Meu Deus! Quanta espera, explosões, silêncios, impasses, perguntas, gritos mudos. Filhinho não aguenta mais isso, chega. TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC! TIC! TAC!

Filhinha agora é mãe, tem uma filhinha de filhinho. A filhinha é bonita igual a sua mãe filhinha.

Filhinho é um bom pai. O casal agora divide tudo, o mesmo cigarro, a cama, alegrias, tristezas, os anos, o amor, a vida, as contas também. Eles são loucos um pelo outro. O amor continua crescendo no escuro.

Tempo passa, né? Logo filhinha vai ter um filhinho de filhinho... Alegria de novo... Vamos mudar os sofás de lugar? Isso, esse pra cá e esse pra lá... Assim. Lá vai o tempo. Onde? Ali, lá na ladeiiiiiiiiira... Não adianta. Ninguém segura mesmo. Escorrega sempre. Foge. Bocas mudas. Dias escuros. A lua não tá vindo. Será que ainda vem? Não sei, ora! O que foi? O quê? Quando? Onde? Silêncio... Tic... Tac... Tic... Tac.... Filhinha se separou de filhinho. Agora vive dizendo pra filhinha: “homem não presta”. Filhinha não entende nada. É nova, novinha...

Ao som de: Daughters – John Mayer



REYNALDO BESSA (SÃO PAULO/ RIO GRANDE DO NORTE) – Músico e Escritor. Já lançou cinco CDs. O mais recente com músicas suas sobre diversos poemas de autores como: Drummond, Leminski, Auta de Souza, Alphonsus de Guimaraens, Fabrício Carpinejar, Alice Ruiz, entre outros. Em 2008 lançou seu primeiro livro “*Outros Barulhos – Poemas*” (Prêmio Jabuti 2009 - Poesia). Em 2010 foi um dos finalistas do PRÊMIO SESC DE LITERATURA, com o seu livro de contos “*Algarobas Urbanas*” (editora Patuá) lançado em 2011. Neste ano lançou pela Rubra Cartoneira Editorial (Londrina-PR), o seu terceiro livro, “*Não tenho pena do poema*” (o segundo de poesia).

De José Inácio Vieira De Melo

Fotos de Ricardo Prado

PEDRA SÓ

VIII

A pele dos carneiros
encadernando os primeiros nomes,
salmos secretos.

Evangelhos da boca do pastor
lavram as visões interiores.
E as ovelhas e os bodes e as cabras,
couros e lãs vestindo a saga dos homens.

Homero, cantador assombrado
pelos astros e por seus rastros,
singrou os mares da imaginação
e assim foi o inventor de deuses e homens.

Homero tinha um cavalo
onde cabiam todos os guerreiros
e escreveu com sangue e verbo
os salmos da sua história
cujos ritos e sacrifícios
se repetem em mim, agora.

E um dia os escribas gravaram
nas peles dos bois e dos carneiros
os cantos do cego que inaugurou
os sertões ocidentais.



XII

Sertão, cartilha e dicionário
que recupera o fôlego do ser
e laça as águas do momento
que escorregavam da memória.

Sertão, coisa de espírito mesmo:
o nome incrustado no âmago.

No Sertão, o princípio do enigma,
o galope para dentro do redemoinho,
e na garupa alforjes de couro
bordados com a chama do amor.

O Sertão encourando os primeiros saberes...



XV

A arte da pedra é ser o silêncio que cresce.
A arte da pedra é a fortaleza que derruba o gigante.
A arte da pedra é ser o trono do rei e o pódio da cabra.

Tantas vezes minha mão certa
arremessou pedras na verônica do açude
só para assanhar o sonho das estrelas.



XXIII

Às cinco horas da tarde,
no céu da Pedra Só,
um cavalo emerge das nuvens
e uiva para a lua.

Às cinco horas em ponto,
na fazenda Pedra Só,
a lua é o olho do dragão.

E a moça de Jorge de Lima
é enorme, enorme,
e engole a lua e vai ficando
menor, menor.

Mas continua caindo
num desembesto sem fim
até virar Alice.

E logo ali, um alce.
E logo ali,
o galo de Abraão Batista
numa briga feroz
com o boi do Patativa.

Às cinco em ponto da tarde,
no reino da Pedra Só,
Federico Garcia Lorca
montado num corcel de algodão
crava seu punhal de prata
nos olhos da escuridão.



XXV

O sapateiro celeste costura
um labirinto no couro do touro,
onde se misturam e se perdem
e se encontram

Damião Alagoano e Pedro Vaqueiro,
Sérvulo Duarte e Linduarte,
Vavá Machado e Marcolino,
e Moisés, o meu avô.

A legião de vaqueiros
que me acompanha e me protege
com as sete peles do gibão de couro.

A legião de argonautas
que me acompanha
em busca do velo de ouro.

A legião de vaqueiros
que me acompanha e que entoa,
na origem do sentimento,
o que a palavra não diz
mas a voz aboia.



JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO (BAHIA/ ALAGOAS) - Poeta, jornalista e produtor cultural. Publicou os livros *Códigos do silêncio* (2000), *Decifração de abismos* (2002), *A terceira romaria* (2005) – Prêmio Capital Nacional de Literatura 2005, de Aracaju, Sergipe, *A infância do Centauro* (2007), *Roseiral* (2010) e a antologia *50 poemas escolhidos pelo autor* (2011). Coordenador e curador de vários eventos literários, como o Porto da Poesia, na 7ª Bienal do Livro da Bahia (2005) e a Praça de Cordel e Poesia, na 9ª e na 10ª Bienal do Livro da Bahia (2009, 2011). Foi coeditor da revista de arte, crítica e literatura Iararana, (2004 a 2008). Edita o blog Cavaleiro de Fogo: www.jivmcavaleirodefogo.blogspot.com Os poemas selecionados para a revista Blecaute fazem parte do livro Pedra Só, lançado este ano pela editora Escrituras.

RICARDO PRADO (BAHIA/MINAS GERAIS). Fotógrafo profissional desde 1997. É formado em Publicidade e Propaganda. Atua, principalmente, nas áreas de fotojornalismo, documentário e foto publicitária, tendo trabalhos publicados em jornais e revistas nacionais. Participou de exposições coletivas e individuais, dentre elas *Odoyá – Mãe do Rio* (individual), Galeria Jayme Figura, Salvador, 2008. Ganhou edital da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia com a exposição *Fê* e foi selecionado na bienal do Recôncavo 2012. Todas as fotos do livro Pedra Só são de sua autoria.

COMO ESCREVER UMA CRÔNICA

Por Fabiana Araújo

A nova professora de Tavinho pediu que toda turma escrevesse uma crônica, com tema livre, e entregasse na próxima aula. Tavinho não gostou nem um pouco da ideia, porque o dia para entregar a tal crônica era na segunda-feira, e ele teria que passar o fim de semana fazendo algo que ele detesta: escrevendo.

Mas, como ele tinha sido reprovado ano passado, não podia deixar de escrever essa crônica de jeito nenhum, e o jeito era tentar escrever o mais rápido possível, para poder aproveitar um pouco do fim de semana, e não ter que contar aos seus amigos que não ia ao shopping porque tinha dever de casa para fazer. Imagina a zoeira que ia ser!

Pegou papel e caneta e começou a escrever ... “Era uma vez em um mundo tão tão distante...” Mas aí ele lembrou do que a professora falou, que Era uma vez a gente só usava em conto de fadas. Lembrou também que Suzana, a sua nova professora, tinha dito que as crônicas tratam de acontecimentos cotidianos, que circulam em meios de comunicação como jornais e revistas.

Tavinho então correu para o computador e começou a ler sobre todas as notícias do dia, com o intuito de encontrar uma boa história e escrever sobre ela. Ia ser fácil demais, ele pensou. Porém, nenhuma das notícias lhe trouxe inspiração, porque ou eram notícias muitas tristes: sobre assassinatos, deslizamentos e miséria, ou eram muito chatas: sobre o Photoshop que usaram naquela atriz gostosa, ou o novo corte de cabelo da Fátima Bernardes.

Começou a desanimar, e ao invés de tentar escrever alguma coisa, amassou a folha em branco e jogou no chão. Imediatamente, sua gatinha Afrodite deu um pulo e tentou pegar a bola de papel. Tavinho passou a observar todos os movimentos de Afrodite, que jogava a bola para lá e para cá, se escondia como se a bola fosse um monstro que estivesse perseguindo, e depois aparecia do nada e dava um bote em cima da bolinha de papel, jurando que tinha conseguido derrotar seu inimigo.

Sua mãe, que também assistiu toda cena, falou: “Essa Afrodite, quanta imaginação ela tem”. Ao ouvir isso Tavinho deu um pulo, beijou sua mãe em sinal de agradecimento, pegou outra folha e começou a escrever sobre o que os escritores têm em comum com os felinos: muita imaginação.



Clique no ícone para assistir



| Tiradas do Baú

Por Raoni Xavier



Raoni X.

De Abreu Paxe

Projecto poético Nkalu a maza

1. Muna ulunga da brevíssima existência

sinto em mim oposto ao medo
- lá para dentro minha pedra (brevíssima existência) -,
o viver silenciado
como se desta vez a existência
abrisse a alma que o guia muna ulunga
a calma mas próxima função
conduz-me anunciando a sedução
a noite ganha razão
como ferida a glória no duro labirinto
muito perto do sofrer
morre em mim oposto a amargura
a doçura da vida espumas de luz lá para diante:
o fracasso, a desonra. que importa a vitória
talvez sobre os dias porque alguém me esmaga a cidade
pó só pó sobre os ombros da morte o vazio
efectivamente intervalo de noites a brevíssima,
inacreditável existência (a pedra) já nada seduz

2. De tanta força brava

a seda de seus lábios jardins de tanto silêncio
nos dias de hoje chega ao sol
o mar de músculos rijos detalhes
ondeada a enxada abria meus olhos em pastos menores
às quatro da tarde meu quarto só dizia
a certo tempo um beijo meus cinco anos
vez ou outra meus olhos ainda descem o morro em força brava

3. Nkalu a maza [1]

interrogando um exército sou a fuga
viva experiência típica acidental idade do deserto

outros pontos fugidios o afecto traduzia-se aí a unidade das imagens ao seu lado arredondados
nova falta no afecto da indecisão a tarde avoluma-se a construção

ocorre palavras após palavra sobra palavras
sinal exacto nkalu a maza fertilidade de esperas

4. Kintwadi [2]

tocar o céu tambor de vertigens o peito kintwadi
nem sequer sonho esta criança rasgada túnica
lambe os braços cheios de corpos profundamente idênticos em sandálias o que canto é só
lavrada margem sobre a pele é um mal desatar o nó salvo regressa agora do sono mais branca
pena quem a fere ou o vento raparigas tua amada noite em margens altas a memória abando-
nada casa seios: és palácio: estendidos já os vejo onda recuada em tudo
exaltam posto sol salga o canto pesada pena
em redor perfume real pele derramada ao meu lado.

5. Talvez dobrado azul

não é verdade talvez me esqueça velhíssimo do cansaço
debaixo do pé um sinal revés o cimo a boca
só a boca a alcançar a porta morta nas luzes tristes destes lábios

6. Em sexo livre a língua

entre as trevas e a seiva da sintaxe abundam palavras
inofensivas nada dizem à pátria por imitação os impérios
renovam os aspectos os tempos os modos
outro soldado emergia
unia a habitação a fonética e a fonologia ao sol de casa
pirâmides e intervalos o corpo cego texto
regenera cidades ppor visitar falida interacção
as meninas árvores nocturnas com portas e janelas polares
tudo treme sobre o papel a mesma travessia dispersa tudo

7. Nzaya

e de súbito longamente os pés ligeiros muna nzaya
couro e madrugada a sandália ainda pequenina

dançavam assim pisavam se pudessem dormir estendidos no corpo da noite inteiros vêm de
longe assim ficam esquecidos para a alegria pastores do monte não trazem ovelhas não trazem
cabras descem na voz negra e prematura de novo a serpente entre sombras a membrana do
vento sacode-se púrpura pois não os colhia outra vez agitados tanto sonho.

arde o desejo fosse além uma toalha a dar que basta
dividido nem o mel sobretudo as cores misturadas

8. Mayembe

O lábio inteiro chão as reentranças
a fala da tarde outra hora meu todos pela totalidade
 repartidos yo mayembe
acaba de chegar da idade média regressa
certa mente repartida pa lavra o pasto
a cisterna água plena meu muro vidrado
nuvem teu inteiro lábio o muro todo.

9. Cortinas o sol nas asas do muro

velho orvalho cai o canto sustém as duas asas no muro
cortinas: o sol, fruto: a pêra, ave: o cuco equivocadamente
nem lama nem leito nem estação nem atalhos nem cascata
só o silêncio a direita duma manhã
pedras envolto arrepio de chuvas. ruína apertada ossificação
cantarias em palácios cinzentos silêncios
filtram o peso da manhã e desciam hoje pela bata do céu
cortinas o sol nas asas do muro.

10. O teu pé na mão da boca

o teu pé simples gestos aonde te leva
a tua mão volumosa cegueira o que segura
a tua boca molha o que diz dos símbolos
em presença funcional descobre que as camisas
são objectos hospitalizados
rumos e vidraça
saem mais certamente do ilíaco e orientam marinho trabalhar
os astronautas como membros penetram-lhe o corpo
transparente rosto descalçado nos logaritmos degraus
as roupas marfim invisível na consciência longa
dos olhos o instrumento do diálogo
dáctica as substâncias islâmicas
portes os corpos das sombras máquinas
desérticas a armadura de teus olhos duras lembranças

11. Espaço plano das linhas

a superfície das mãos fala em trânsito estações
à mesa luz ao voltar ao mar a lucidez cresceu no silêncio
apenas a casa entre flores perdia
a transparência dos gritos no horizonte a lucidez noites
criando hinos feridos camas aves destinos e inacabadas
todas as pátrias vidradas sílabas
precedendo janelas dançam entre o funil e a torre
baixíssima dos sismos as maiúsculas páginas da ressurreição

12. Em tua cor de ausência

Vejo-te pedra em tua continuada cor de ausência
todas as altitudes da quarta lágrima latitudes
circulam em si inventadas cidades amanhecendo
sem poder acreditar nos volteios dos veículos desta sólida noite
olhares de sua permanente manhã
nas sombras da matéria desta construção movimentam-se outros
corpos

ABREU PAXE (ANGOLA). É Mestre em Ensino de Literaturas em Língua Portuguesa, no Instituto Superior de Ciências da Educação, ISCED de Luanda da Universidade Agostinho Neto (UAN). Licenciou-se, na especialidade de Língua Portuguesa na mesma instituição, onde é docente, de Literatura Angolana, Introdução aos Estudos Literários e Teoria da Literatura. É Membro da União dos Escritores Angolanos (UEA), na qual é Secretário para as Relações Exteriores. Publicou os seguintes livros de poesia *A Chave no Repouso da Porta*, (INALD, 2003) que venceu o Prémio Literário António Jacinto e *O Vento Fede de Luz*, (UEA, 2007). No Brasil, colabora e foi publicado nas Revistas Dimensão (MG), Et Cetera (PR), Comunitá Italiana (RJ), nas Revistas Electrónicas Zunai e Cronopios (SP), na Antologia Ovi-Sungu, 13 poetas de Angola, Org. pelo Cláudio Daniel (SP), "Lumme, 2007" e na Revista Literária Roda – Arte e Cultura do Atlântico Negro (MG). Em Portugal na Antologia Os Rumos do Vento, (Câmara Municipal de Fundão, 2006). Foi membro da comissão organizadora e curador da primeira bienal internacional da poesia realizada em Angola.

NELLY NOVAES COELHO: UMA MESTRA DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

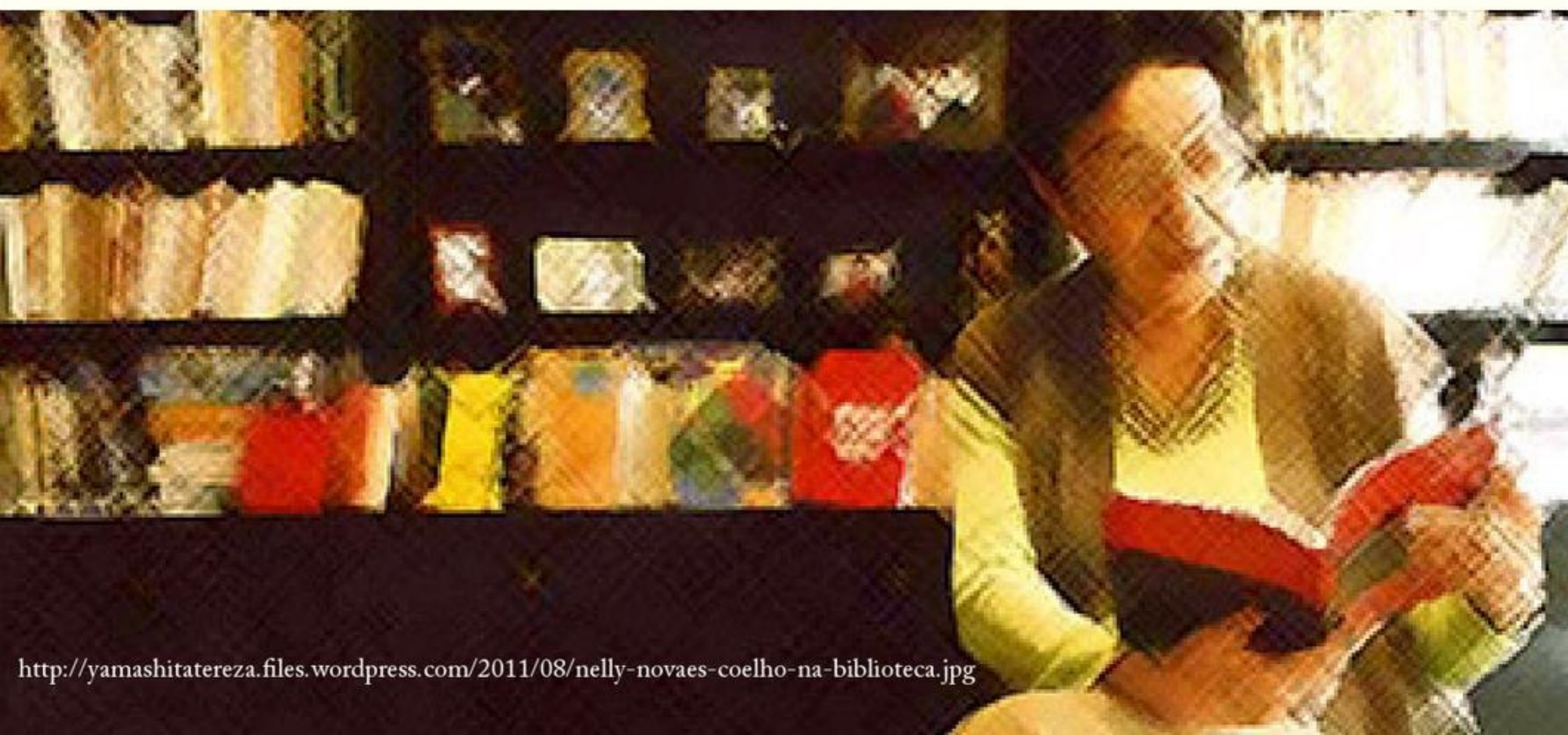
Por José Mário da Silva

Ensaísta consagrada, nacional e internacionalmente, a professora doutora Nelly Novaes Coelho é um raro exemplo de um bem correlacionado consórcio entre sobrança competência técnica e inspiradora dignidade profissional, traduzida, sobretudo esta última, por uma inabalável profissão de fé no poder que a literatura tem de se constituir num instrumento de humanização e cidadania.

Considerando que a realidade do professor brasileiro, em todas as instâncias em que ele atua, tem se revestido de descaso e ignomínia, não são poucos os que, com o passar do tempo, vão se desencantando; perdendo a esperança e abandonando a utopia, com a qual acreditaram, um dia, ser possível transformar a iníqua realidade pátria.

A trajetória da mestra Nelly Novaes Coelho, ao contrário, tem emulado contra o desânimo e, em direção diametralmente oposta, se pautado por um infrangível compromisso com o ser/fazer docente universitário, que o diga a sua impressionante, verdadeiramente incansável, produtividade intelectual, matizada pela imensa quantidade de livros que tem escrito, sempre com o indelével selo portador de inquestionável qualidade.

E quando me refiro à produtividade que emblematiza o itinerário da criadora do clássico *Literatura & Linguagem*, não estou pensando no slogan “tem de produzir”, a cujo autoritário império os professores universitários muitas vezes se subjugam, a fim de se compatibilizarem com sistemas avaliativos imediatistas e, frequentemente, pouco pacientes com as reflexões mais verticalizadas, carecedoras, para o seu pleno desabrochar, de um tempo de maturação mais lento e ponderado.



A produção ensaística da professora Nelly Novaes Coelho move-se por outros vetores. Na Universidade de São Paulo, da qual foi professora titular de Literatura Portuguesa, implementou, divulgou e sistematizou a cadeira de Literatura Infantil, dela se constituindo uma consagrada especialista, numa quadra em que muitos ainda a consideravam, preconceito ainda não desaparecido de todo, como uma modalidade menos nobre de manifestação da literatura.

Seu pioneirismo nessa matéria deu grande contribuição para que a Literatura Infantil passasse a ter, noutras instituições de ensino superior do país, um tratamento mais consentâneo com o seu valor e importância. Outro aspecto sobremaneira enriquecedor do notável magistério teórico-crítico da professora Nelly Novaes Coelho diz respeito ao olhar descentrado e descolonizado que o essencializa.

Para muitos críticos literários brasileiros, seja dita esta discricionária realidade, somente deve ser catalogado como literatura brasileira o que se produz nas prestigiadas, político-economicamente, geografias culturais do sul e sudeste do país, mais precisamente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, ficando tudo o mais que é produzido no restante do país, relegado à laje fria do esquecimento e do pesado e injusto silêncio.

Transforma-se em ilha, o que, na verdade, é um gigantesco e inabarcável continente: o Brasil, com as suas admiráveis variedades e idiosincrasias, sobretudo no campo estético-literário, com cada região exibindo os seus artistas nos mais diversos territórios: poesia, ficção, teatro, ensaio, dentre outros.

Descentrado e descolonizado, como dissemos, o olhar teórico-crítico da professora Nelly Novaes Coelho, tal qual um movente e dinâmico caleidoscópio, transita por várias paisagens, sempre no desiderato maior e indesviável de rastrear, com saber, sabor e paixão, o multifacetado horizonte humano divisado pela polissêmica palavra da literatura.

Assim é que flagramos, no espólio analítico da aguda leitora de Aquilino Ribeiro, os lúcidos estudos sobre Nauro Machado, José Alcides Pinto, Francisco Carvalho, Figueiredo Agra, Carlos Nejar, Antonio Nobre, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Raul Brandão, dentre outros autores que encontraram na exegese de Nelly Novaes Coelho, apreciação crítica da mais elevada estirpe.

Sem buscar na sexualidade dos autores a validação estética das obras abordadas, fugindo, portanto, a meu ver, de dogmatismos contraproducentes e ingênuos quase sempre, não há negar que Nelly Novaes Coelho, assim como ocorrera em relação à Literatura Infantil, também tem se constituído como uma das pioneiras no estudo das produções literárias de autoria feminina, tendo, inclusive, nesse particular, trazido à baila obras extremamente significativas, a exemplo de alguns monumentais dicionários de escritoras brasileiras, reveladores de um esforço imensurável na busca de um vasto número de autoras e obras, as quais, na ausência de arrojados projetos de pesquisa como os protagonizados pela professora Nelly, ficariam completamente desconhecidas do grande público.

Nesse diapasão, a aludida professora, conquanto conheça os canônicos artefatos estético-literários da história da humanidade, não se deixa aprisionar pelos inflexíveis parâmetros demarcatórios do autor maior vs. autor menor, os quais nem sempre, ou quase nunca, são exatos; antes, são, frequentemente, passíveis dos revisionismos impostos pelo tempo, crítico severo, constante e inescapável. Daí a razão seminal de encontrarmos, em seus escritos, tanto escritoras já devidamente inseridas no cânone da literatura, quanto outras tantas, ainda desconhecidas, mas portadoras dos estatutos conferidores de literariedade, por meio dos quais, a crítica literária vai exercendo a sua tarefa de aferidora e recriadora, ao mesmo tempo, das obras da literatura sobre as quais se debruça.

Outro ponto que reputo extremamente valioso na ensaística da professora Nelly Novaes Coelho é o modo como nela a solidez teórica acumplicia-se a uma simplicidade expositiva admirável, fruto e virtude da maneira parcimoniosa como ela se utiliza dos termos oriundos da Teoria Literária.

A Teoria da Literatura, dada a especificidade do conhecimento por ela exibido, frequentemente se faz acompanhar de uma terminologia terrivelmente árida, muitas vezes indigerível, até mesmo para os que nela são iniciados. Tal aridez excessiva, por vezes, constitui-se numa verdadeira pedra no meio do caminho dos que apreciam a Crítica Literária, e nela vislumbram, conforme preconizava Fidelino de Figueiredo, “uma vocação superior do espírito e da inteligência”.

Em suas agradabilíssimas Notas de Teoria Literária, o nunca esquecido Afrânio Coutinho afirma que nos anos setenta, áureo período de hegemonia dos modelos da Nova Crítica recém importados pela universidade brasileira da Europa, principalmente da França, triste do professor que, pretextando erudita atualização teórica, não vivesse “papagueando” teóricos e teorias pouco compreendidos, porque lidos mal e apressadamente.

Nesse contexto de indisfarçável pedantismo conceitual-terminológico, coitados dos alunos que, tanto na graduação quanto na pós, viviam cercados de nomenclaturas insuportáveis; e, às vezes, saíam das universidades sem ler, a contento, as grandes obras da nossa literatura, sequer um romance ou um livro inteiro de poemas, conforme bem pontuou Osman Lins, no seu excelente *Do Ideal e da Glória: Problemas Inculturais Brasileiros*.

Outro é o itinerário percorrido pela linguagem nellyniana. Nela, há simplicidade sem simploriedade; profundidade sem afetação; e, acima de tudo, um acentuado grau de comunicabilidade. Em muitos aspectos, o estilo da criadora de *O ensino da literatura* guarda semelhança com o de Antonio Candido, outro paradigmático ícone da Crítica Literária brasileira, que sempre primou por conferir aos seus textos o coloquialismo próprio da conversação inerente à sala- de -aula.

Por último, a ensaística de Nelly Novaes Coelho sempre se mostrou preocupada com a dimensão pedagógica, isto é, sempre foi voltada para ministrar aos alunos, sobretudo os que

dão os primeiros passos no universo das letras, os indispensáveis conceitos da ciência da literatura, os rudimentos necessários para quem pretende, de fato, embrenhar-se, sem reservas, nessa incontornável floresta de signos, que é a literatura, uma das mais extraordinárias invenções da inteligência e sensibilidade humana.

Discorrendo sobre Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Fernando Pessoa, dentre outros tantos escritores da literatura brasileira e portuguesa, apresenta a brilhante ensaísta de *Escritores Portugueses*, o mesmo sotaque híbrido de ciência e arte, razão e emoção, conhecimento e paixão, próprio de quem fez da literatura a sua “segunda alma”, como diria Machado de Assis; porque, desde cedo, compreendeu que “a literatura, dentre todas as artes existentes, conforme acertadamente doutrina Wendel Santos, é a que mais profundamente revela o homem.

JOSÉ MÁRIO DA SILVA (PARAÍBA). Crítico Literário e Professor de Literatura da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É autor do livro: *Os Abismos do Ser* (Galo Branco, 2009), entre outros. Vice- Presidente do Pen Club da Paraíba. Tem ensaios e artigos publicados em alguns dos principais suplementos e revistas literárias do país.

Meu pai é Ahab

Por Valdênio Menezes

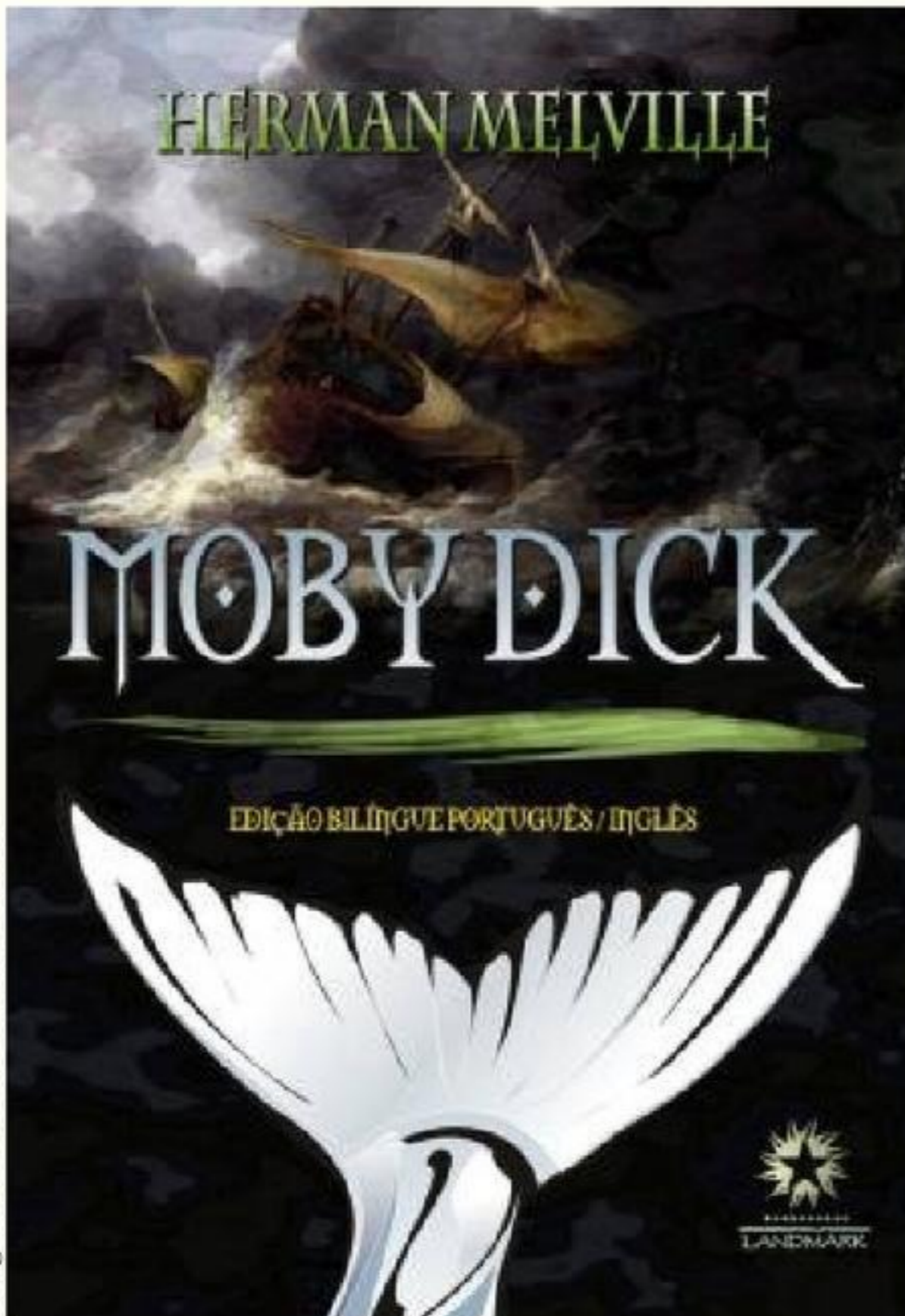


Imagem do site da Livraria Cultura

Desde que li Moby Dick, fiquei admirado com a poderosa presença do Capitão Ahab. O capitão do mais famoso livro já escrito sobre pesca move o destino da tripulação do navio Pequod não apenas para caçar baleias e retirar o valioso óleo (o livro é heroicamente incorreto para os dias de hoje) mas para conseguir matar a gigante baleia branca que atacou seu antigo navio e o deixou com a perna amputada.

Meu pai não anda com uma perna de marfim nem nunca pescou nada, mas por vezes o imagino como uma versão adaptada de um Capitão Ahab. Uma certa monomania misturada com serenidade, olhar congelado, obstinado, sempre planejando um grande destino que apenas ele compreende o motivo de tanto querer alcançar.

E onde estaria a gigante baleia branca a ser destruída? Da minha parte, sou um tripulante do navio baleeiro que meu pai construiu sob as inúmeras instruções de navegação de que a “vida é dura” ou “se eu não lhe ensinar como o mundo é o próprio mundo vai lhe ensinar”. Aí vão também reclamações na maneira de comer, na maneira de vestir, no meu cabelo que era maior há um tempo atrás.

O “mundo que vai fazer você aprender” talvez seja o enorme e feroz cetáceo branco a ser enfrentado. Em Moby Dick há muitas metáforas que parecem que a baleia branca é um castigo de Deus para o ódio e a vingança que movem a viagem do navio do capitão protagonista do livro. Mas o capitão Ahab paterno que eu tenho não move seus destinos por ódio, nem vingança e sim por razões ocultas que só ele poderia dizer mas que talvez jamais diga.

Esta reflexão não é resultado de nenhuma kafkaniada sobre um pai autoritário. Trata-se de uma homenagem. Quando se lê Moby Dick, de longe a figura mais admirável é a do Capitão Ahab. Apesar da história não ser narrada pelo capitão e sim por um de seus tripulantes (chamado Ishmael), logo quando aparece, a figura de Ahab toma toda a atenção do texto, en-

volvendo os personagens dentro de sua esquizofrênica cruzada nos mares para matar a enorme baleia branca.

Deixo como principal comparação entre Ahab e meu pai o fato de serem figuras masculinas admiráveis que talvez eu jamais vou ser nem metade do que eles foram, seja na literatura escrita ou na cotidiana literatura da vida. Assim como Ahab, meu pai parece que passou por muitas situações na vida que o deixaram um homem firme perante a dureza do mundo: mas com inquietações, ambições, grandes feitos. A condução de seu destino vai ser sempre incompreensível para aqueles que embarcaram (ou afundaram) junto à sua vida.



Fonte: <http://outrasconsideracoes.blogspot.com.br/2009/07/moby-dick.html>

AMARGO

Por Rafael Cal

Ilustrações de Flaw Mendes

Entrou na padaria.

Era o meio da manhã. Saiu de casa um pouco antes do habitual e, indo pro trabalho, decidiu tomar um café.



Tinha fome.

Por isso, pediu um espresso. A garota do lado de dentro do balcão perguntou o que iria comer.

Nada.

Ficar tomando café sem comer nada faz mal ao estômago, ela disse. Olhar perdido, ele teve vontade de aplaudir a visão empresarial daquela padaria ao colocar uma gastroenterologista para atender no balcão. Mas achou que poderia ser encarado como uma grosseria.

Desistiu.

Olhou pra ela. Que sorria. Ele havia parado de sorrir. Não com a pergunta. Ao menos não com aquela. Mas respeitava o sorriso dela. Na verdade, admirava.



Ergueu as mãos, como dizendo que não podia fazer nada, que no fundo, não conseguia evitar. Ela entendeu o gesto e sorriu mais uma vez, entregando o espresso. Olhou pra xícara. Pegou o biscoitinho do pires e comeu.

Procurou o açúcar.

Ela entregou uma cesta com os sachês. De amargo já basta a vida, disse. Clichê, ele pensou em

resposta. Mas não falou nada. Abriu o primeiro sachê.

E despejou.

Misturou. Bastante. Tentando fazer desaparecer os microgrãos. Aproximou a xícara da boca. Cheirou o café.



Precisava de mais açúcar.

Outro sachê. Mesma operação. Ainda não era suficiente. Não estava doce o suficiente. Xícara próxima a boca e nariz. Sem encostar. Sentia o amargor. E não queria.

Outro.

Chegou ao quinto sachê. A balconista olhou. Talvez pensando em falar alguma coisa. Ele se preparou para fazer a pergunta que havia sufocado antes em nome da doçura. Ela não falou nada. Nem ele.

Mais um.

Tá tudo bem?, ela perguntou. Ele não respondeu. Abriu outro sachê e despejou na xícara.

Não havia nada a dizer. Sentia-se só. Profundamente só.

Ela não se deu por vencida. Repetiu. Mas ele já estava colocando outro sachê na xícara. Era como se ele não ouvisse. Mas não. Ouvia. Só não tinha uma resposta. Ao menos, não uma satisfatória.

Ela mudou de estratégia. Posso te ajudar em alguma coisa?, perguntou.



Sim, respondeu. Ela sorriu. Sentiu-se bem. Ele, só. Não havia mudado. Nada. Preciso de mais açúcar, pediu.

Ela não acreditou. E resolveu insistir. Algum problema?, ela perguntou, sim, ele respondeu rápido.

E fez-se silêncio. Ela ficou olhando pra ele. Ele levantou os olhos da xícara e disse alguma coisa baixinho. Não deu pra ouvir.

Tá tudo amargo, ele disse.



De Clarissa Macedo

Lembrança

Os bichos de ontem
visitaram meu quarto.

De novo a infância de medos
vem ao meu sonho,
leito continuamente acordado.

Outra vez o cheiro velho
daquela casa mofada
e as urtigas da mulher,
que sem doces dava-me pesadelos,
rasgam meus espinhos escondidos.

Daquela mulher de senões
vi a crosta de olhos traídos
vi a semente sutil
que ejaculava mistérios.

Mil vezes fugi dali.
Um milhão de vezes lá voltei.

O sempre é nunca,
é um rubor de pernas molhadas
são unhas vermelhas de dor.

Daquela mulher de longas saias
e repentes e tapas e bafejos
trago a dor eterna estampada
dos tremores e segredos
que não entendo
mas que sempre reconheço correndo
aos meus choros e medos.

Verão pontual

Poema feito em casa de Hamilton,
ao som de Piazzolla, tocado por Lázaro
e Hamilton. Victor, violinista, observava.

Meu sentimento tem imensas ilusões
Por isso de mim correm os mais bravios rios,
corre o sangue ancestral de ávidos clarões

por isso de mim chove a dança dos afogados
dos loucos e dos enforcados, amantes de ventura
e descaminho

Da íris do seio da laranja bruta
bebo as muitas águas
sigo imersa em mortes e sarçais
meço teu antro de liras cafetinas,
canto, teu pau, encarniçada
bebo dos teus filhos que não nasceram
e dedilho cortes de guerra que não cresceram.

Afino triste a canção final da alvorada,
que suja meu sangue e meu amor,
verdade lúdica e ordinária.

Enterro

Com bonecas guardadas na poeira,
sem pernas e braços,
alimentei o luxo das traças.

Essas, que pacientes comem a carcaça
de quinhentas feras, roem as bonecas
da minha infância desmesurada.

No cemitério de lixo, dormem trágicas
as bonecas despenteadas.

Vida, que leva as águas da guerra,
por que zomba da infância deserta
com tantos sustos e arquejos?

Se eu existisse, arrancaria a haste
da urtiga.

Matéria

Sou velha e não posso morrer
Estou morta e não posso morrer

A existência fria me come os laços
A vida jovem me arranca os olhos

Pastos de ideias fúnebres da madrugada
São casas tontas que flutuam na tarde

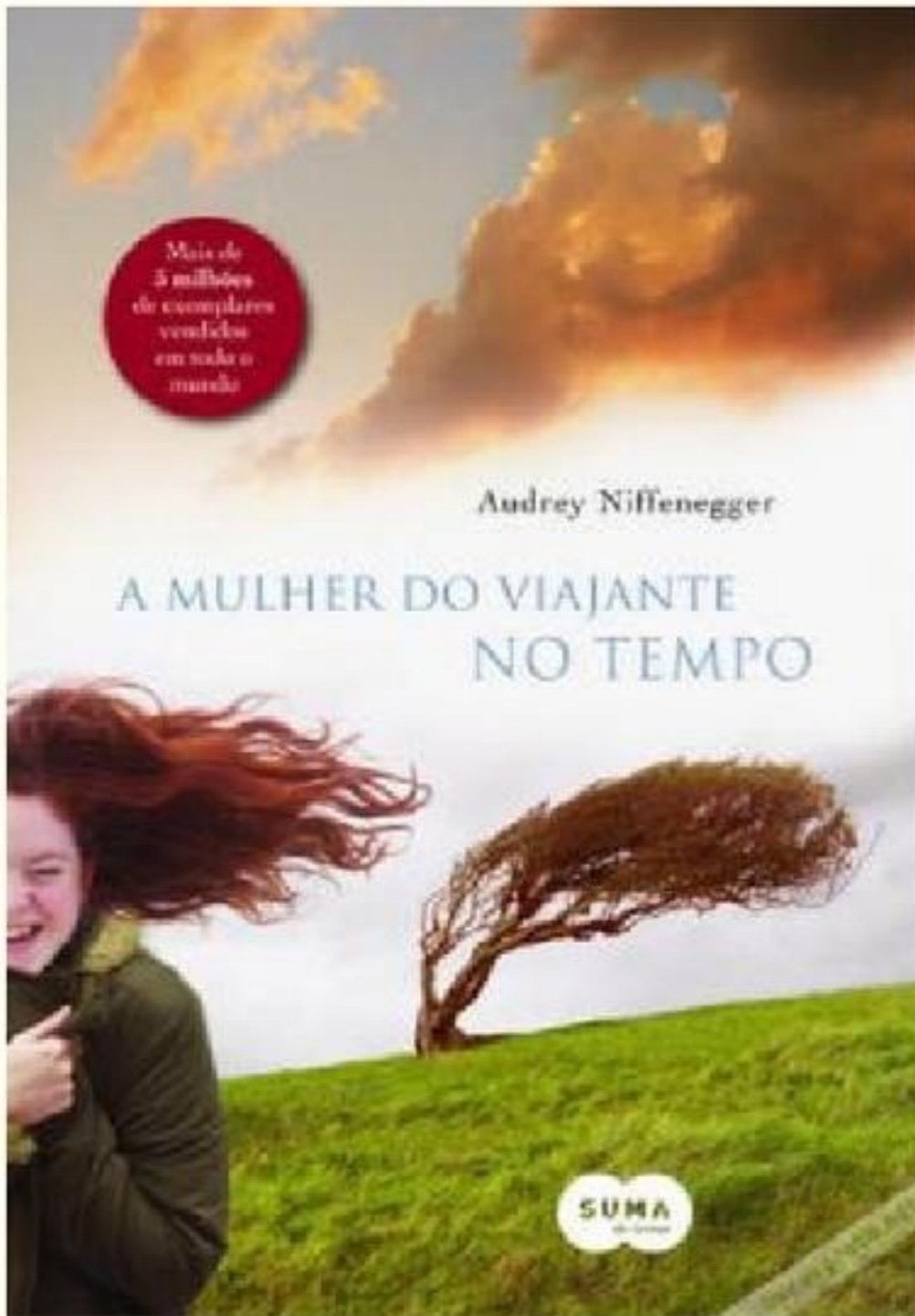
Em mim luas sombrias e passos rápidos.

Então, mato todos aqueles que não podem haver
Todos eles que seguem cegos a longa estrada

Triste é o homem: aprende a amar
Quando já não pode amanhecer

CLARISSA MACEDO (BAHIA). Revisora, escritora e produtora cultural. Cursa Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS). Está presente nas coletâneas *Godofredo Filho* (2010), *Sangue Novo* (2011) e *Verso e Prosa – Oficina de Criação Literária III Feira do Livro* (2011). Publicou na *Verbo21*, no site *Musa Rara*, no *Barcaças*, em *A Poesia do Brasil*, *Diversos Afins* e *7faces*. Participou, em 2011, da *IV Feira do Livro de Feira de Santana* e da *10ª Bienal do Livro da Bahia* na abertura da *Praça de Cordel e Poesia*. Edita o blog *Essa coisa que é o eu* clarissammacedo.blogspot.com

Por Gabriela Barbosa de Souto



NIFFENEGGER, Audrey. **A mulher do viajante no tempo**, (tradução de Adalgisa Campos da Silva). Suma de Letras, 2009.

Henry: “Quando estou em outro tempo, me sinto pelo avesso, transformado numa versão desesperada de mim. Viro um ladrão, um andarilho, um bicho que corre e se esconde. Assusto velhas e assombro crianças. Sou um truque, uma ilusão da mais alta ordem. É incrível eu ser mesmo real.”

Henry DeTamble não é um homem comum. Ele sofre de um distúrbio genético raro e que provoca uma mudança em seu relógio biológico, fazendo com que ele viaje no tempo. Geralmente estimulado por momentos estressantes, Henry pode voltar ou avançar no tempo, para eventos emocionalmente marcantes da sua vida. Mas não se enganem, essa

não é uma história de cunho científico, é uma história de amor.

Em meio à instabilidade temporal de sua vida, que o acompanha desde os seus cinco anos de idade, ele revive vários fatos, de pontos de vista diferentes. Henry não tem controle sobre suas viagens, e seu encontro consigo acaba por ser recorrente, e por vezes isso é bom, já que a cada deslocamento ele tem uma idade diferente, precisando sempre se readaptar à sua própria existência.

E é durante essas viagens que Henry conhece Clare Abshire, o grande amor da sua vida. O eu futuro dele encontra sua mulher no passado, e uma relação intensa é construída por eles, com ele acompanhando todo o crescimento dela. Clare torna-se uma artista plástica, e, para ela o tempo transcorre naturalmente. Henry é um bibliotecário. Quando o seu eu presente encontra Clare, ele tem 28 anos, e ela 20. Unidos, tentam construir uma vida comum: ter filhos, amigos e um bom emprego. Mas nem tudo pode ser normal e o tempo é a maior de suas barreiras.

A mulher do viajante no tempo é uma história sensível sobre o amor. Com problemas muito além da própria condição humana, Henry e Clare convivem com o deslocamento temporal da melhor maneira possível, uma vez que passado, presente e futuro tornam-se um só. Sem o tom melodramático esperado de romances “românticos”, Audrey Niffenegger conseguiu construir uma narrativa envolvente e tocante em sua obra de estreia, tornando-se um

sucesso de vendas e ganhando uma adaptação para as telonas com o filme “Te amarei para sempre” (2009), dirigido por Robert Schwentke. Não deixe de conferir essa linda história, vale cada minuto de leitura.

Clare: “Há muito tempo os homens iam para o mar, enquanto as mulheres ficavam na praia, esperando e procurando o barquinho no horizonte. Agora espero Henry. Ele some sem querer, sem avisar. Espero. Tenho a sensação de que cada minuto é lento e transparente como vidro. A cada minuto que passa, vejo uma fila de infinitos minutos, à espera. Por que ele foi aonde não posso ir atrás?”.

Por Will Simões



OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

A criatividade é inata?, pode ser aprendida?, quais as etapas do processo criativo?!. Ao longo desta obra, a autora, artista plástica Fayga Ostrower (1920-2001) polonesa naturalizada brasileira, responde estas e outras questões a medida que desconstrói mitos do senso comum, rompe paradigmas aceitos e lança uma luz esclarecedora sobre o tema criatividade e processos de criação.

Fruto de anos de ensino acadêmico, e também da vasta experiência artística pessoal, esta obra faz parte de um conjunto de obras da autora que abordam questões relevantes dentro das artes visuais.

Trata-se de um clássico indispensável no assunto para quem quer se aprofundar de forma acadêmica ou pessoal para seu crescimento artístico.

Para conhecer mais sobre esta obra: <http://www.faygaostrower.org.br/livro3.php>
Sobre a autora: <http://www.faygaostrower.org.br/artista.php>

MALDIÇÃO DA LEITURA

Por Homero Gomes

*Estamos nus diante da literatura. Ela é potência,
para o bem ou para o mal.*

*“As sociedades não letradas também têm cultura
e as sociedades da escrita não são necessariamente ética e hu-
manamente melhores que a dos analfabetos”.*

Claude Levi-Strauss (em Tristes Trópicos)

Sou contra discursos que apregoam a leitura do texto literário como salvação. Como se a literatura fosse mais do que ela própria se propõe a ser: construção artística com as palavras. Como se a leitura fosse algo miraculoso. Não é. Discursos assim são exagerados e perigosos. Literatura é arte. Um fenômeno estético, como diria Afrânio Coutinho. Antes de tudo, é isso o que ela é. O leitor, por isso, se configura como um espectador de obras confeccionadas com intuito estético e que, além de ver uma criação humana tocando o belo (e na contramão, o grotesco, o odioso), reconstrói o objeto no momento em que passa os olhos por ele.

Salvação? Isso é responsabilidade de outro tipo de profissional, o resgatista-socorrista, por exemplo. A leitura literária não salva ninguém de nada, nem da ignorância, ela se limita a ser ferramenta. Ferramenta de maldição ou de salvamento. Mesmo assim, ela está lá paradinha diante do espectador, como o sanitário de Duchamp.

Essa forma de arte, da arte da palavra, não cria um ser humano melhor nem o expelle do caos em que se encontra. Nem mesmo livros de auto-ajuda presenteiam seus leitores com uma vida mais tranquila, mais rica de sentido. Isso talvez melhore a conta bancária de alguns autores, mas não resolverá os problemas pessoais, de relacionamento, os traumas, nem os conflitos internos de ninguém. Estamos sozinhos. Os livros são apenas amantes desinteressados.

Talvez a literatura só traga mais caos à vida que já é turbulenta por natureza. Ela não tem nada a ver com os seus problemas.

Para além do subjetivo, não seria possível deixar de anotar aqui que a literatura é também fruto de uma necessidade de mercado; além de ser ela consequência da consciência coletiva, retornando a essa coletividade como possibilidade de diálogo.

Melhor do que pensar nela como produto de um mercado que está se desenvolvendo a cada dia, amplificando suas vozes e mecanismos, ao mesmo tempo em que se afunda na estandardização do gênero literário. Apesar da riqueza que a leitura gera em um país de

miseráveis, pratique a leitura literária porque você gosta e não porque espera que o mundo se torne um lugar melhor para viver. Ou porque na tevê andam dizendo que isso vai melhorar sua condição de vida.

Não se pode afirmar que o mundo e as pessoas sempre são influenciados beneficentemente por aquilo que leem. Nem sempre. Somos animais antes de tudo. Bichos e funcionamos como tais. Possuímos cérebros altamente desenvolvidos, azar o nosso; talvez, ganhamos esse presente antes da hora. Mas se fomos presenteados com a capacidade de leitura, então que se procure ler porque essa maneira de dialogar com o outro poderá ser interessante. Mas sem esperar muito disso.

Se ocorrer algo no mundo, está fora do controle da própria literatura e de sua leitura, constante ou não, comprometida ou não, adequada ou não. A literatura não muda o mundo, nem muda o homem. Literatura é conversa e uma conversa não precisa necessariamente resultar numa revolução política, mas pode chegar a isso, entretanto a responsabilidade não é do diálogo constituído no texto literário, está além dele mesmo.

Por isso, é esperar muito da literatura e da leitura, em geral, que elas nos possibilitem uma visão amplificada dos problemas mundiais e das possíveis soluções deles. O número de analfabetos está cada vez menor, mas isso não está resultando em um mundo mais igualitário ou mais pacífico. Quanto mais as pessoas lerem a literatura brasileira, mais elas se tornaram criativas e equilibradas? Duvido. E não adianta dizer que é culpa dos péssimos livros que as pessoas andam lendo. Livros certos não existem, o que existem são pessoas erradas demais, em lugares mais errados ainda, investidas em poderes imerecidos.

Não existem soluções literárias para problemas políticos. A literatura só pode ser medida pelos seus próprios padrões. Se ela fizer alguma diferença, se realmente ela possui alguma importância, apenas diz respeito ao indivíduo que a criou e aos leitores que tiveram contado com o texto literário.

A maldição da leitura é esse despropósito de nos fazer enxergar a nós mesmos sem apontar caminhos, de ficarmos nus diante do outro que não se revela nunca nas páginas da literatura. Aliás, a literatura talvez tenha uma função ideológica não revelada. Mas quem está manipulando essa ferramenta poderosa que é a obra de arte com as palavras? Os escritores possuem essa consciência? Como ferramenta, ela poderá quebrar algumas consciências.

A esse respeito, afirma Terry Eagleton que a literatura, no sentido que herdamos da palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões de poder social. (Terry Eagleton)

O autor de Teoria da Literatura, falando a respeito da literatura na Era Vitoriana, esclarece o papel que ela desempenhou como cimento social, usada como instrumento de união entre as classes; no fundo, ela foi utilizada como ferramenta de abafamento do discurso e dos anseios e exigências das classes de operários, de servos do burguês – o novo aristocrata –, sob

o discurso da elite, que fundamentava seu poder político e econômico por meio da literatura (ideologia que pretendeu substituir a religião) e da educação clássica e humanista.

A literatura habituará as massas ao pensamento e sentimento pluralistas, persuadindo-as a reconhecer que há outros pontos de vista além do seu – ou seja, o dos seus senhores. Transmitiria a elas a riqueza moral da civilização burguesa, a reverência pelas realizações da classe média e, como a leitura da obra literária é uma atividade essencialmente solitária, contemplativa, sufocaria nelas qualquer tendência subversiva de ação política coletiva. (Terry Eagleton) Assim, haverá sempre a possibilidade de, por interesses políticos conscientes ou não, da leitura literária ser utilizada como ferramenta de controle, de subjugação da massa (de todas elas), de embrutecimento da consciência das camadas sociais populares (e não só dessas) e inação da coletividade.

Embora os sentidos e a razão possam ser vivificados pela arte da palavra, eles podem ser escravizados pela inércia e pelo conformismo, impossibilitando a ação, ato essencial do homem como ser político. Essa função é muito bem realizada pelas novelas televisivas, por programas de auditório e pelas redes sociais. A “política do pão e circo” nunca foi tão atual: bolsas governamentais para aquisição de livros, financiamento de traduções (entre outras tão ou mais polêmicas), programas de inclusão digital, TV digital aberta. O que se percebe é que o gado se estufa de alfafa e sorri. Às vezes, com um livro na mão.

Se for para servir a algo, que a literatura sirva para amplificar a percepção do fel da realidade e que seja experimentada como um espinho venenoso, que possibilite a vivência mental do simbólico, levando o ser humano ao inevitável desejo de ação.

Porque a leitura é potência, mas não apenas a estritamente literária. Ela é uma ponte entre o que somos e o que devemos ser, não que o devir seja fundamento do bem – ele se constitui apenas como um vazio que cabe a nós preencher com o que quisermos. O teleologismo da leitura resulta no vazio; é um não teleologismo. Por isso, o seu perigo. Literatura é uma tabula rasa, por mais paradoxal que isso pareça, pois pode ser muito bem adotada por grupos ideológicos de caráter duvidoso. Deve-se ler com filtros na mente.

Mas esse vazio não é ruim. O não teleologismo da literatura é um bem em si mesmo. Pois questionamentos como “porque é que se lê, se nada útil pode ela fazer por nós?”, no fundo, são resultados da característica utilitária, opressora e, também, egótica da sociedade. Os objetos, as ações, atividades e artes humanas, a meu ver, não visam, em si mesmo, a um bem. Parte de nós a ação, para o bem ou para o mal; quem institui o valor pretendido é o ser humano. Então, devemos ler literatura apenas pensando ou pretendendo a própria ação da leitura, mas com a consciência de que ela não é imaculada. Toda leitura literária é promíscua, coberta e recoberta de camadas de maquiagem ideológica ora da elite, ora de outras classes.

Cioran, citado por Calvino em *Porque ler os clássicos*, contava que “enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. ‘Para que lhe servirá?’,

perguntam-lhe. ‘Para aprender esta ária antes de morrer’”. É isso. No fundo, lemos para ler apenas, pois é melhor ler do que não ler.

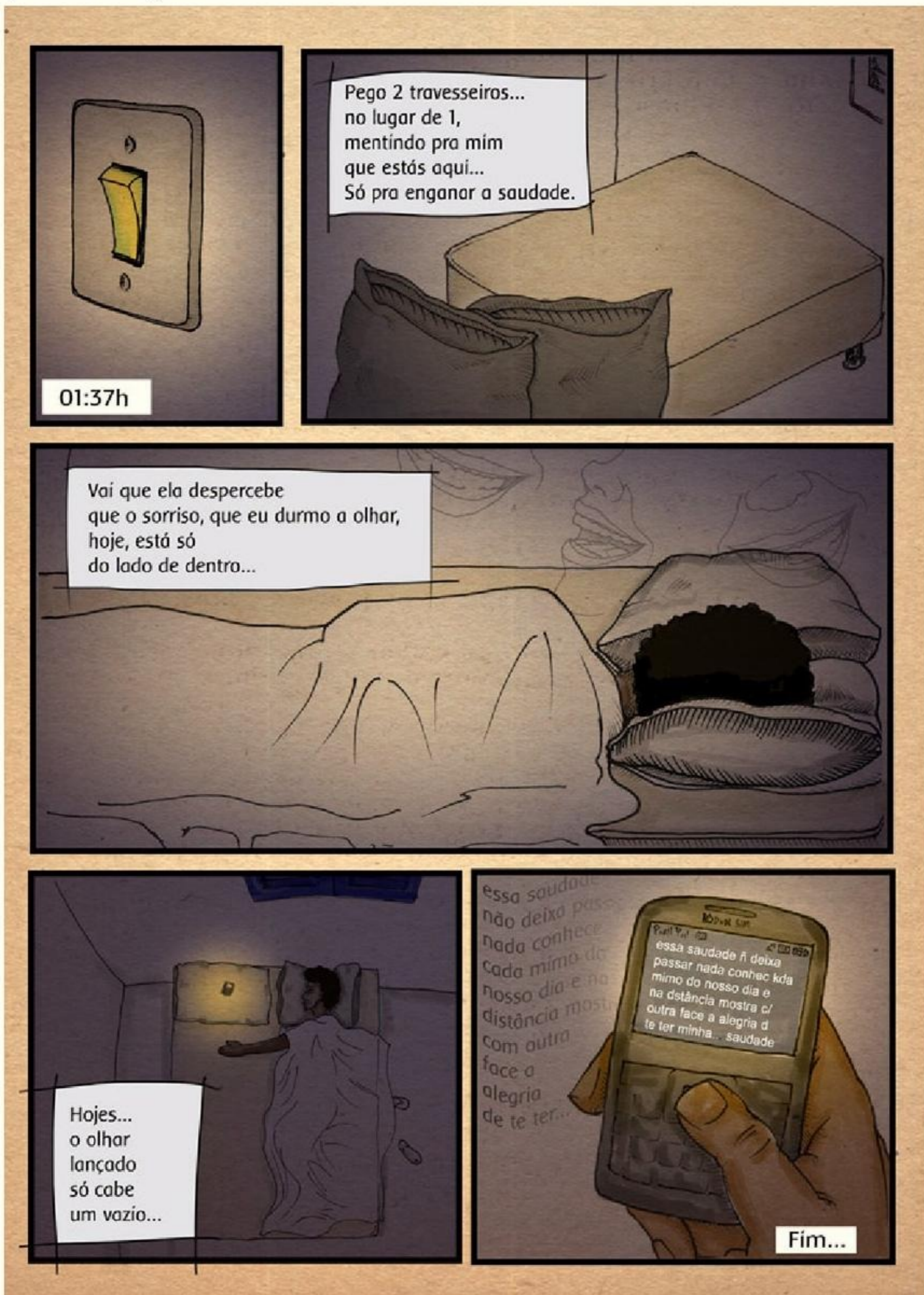
Mas não adianta botar no chicote, ou no anúncio, ou no programa de televisão, com ou sem a batuta do Estado. Nenhuma leitura literária deve ser realizada dessa forma. Ela é paixão, nos leva para o canto de nós mesmos que se reencontra com a caverna do homem pré-histórico, pois ela se opõe à razão. Não completamente, pois ela é necessária para codificar e decodificar os signos da escrita.

Literatura é, principalmente, linguagem simbólica, mitológica, arquetípica, que se une ao nosso ser sem história, a um ser mais instintivo, criativo, apaixonado – sem desejo nada nos moveria. Por isso, a leitura do texto literário não tem em si sentido nem função, a recomunicação entre nossa psique e os símbolos presentes no literário é potência, e permanecerá em estado de latência caso o próprio ser/leitor não sinta desejo, não sinta paixão e, saltando por sobre ela, transforme o imaginado em ação. Literatura sem tesão, nada feito. Se não for assim melhor continuar analfabeto.

A propósito, como disse uma senhora ex-analfabeta de 73 anos, “não saber ler é como ser cego. Precisamos ser guiados”. Nessa fala, entendo a leitura, também, como aquela que não precisa ser ensinada na escola, pois é aquela leitura de mundo, que fazemos da realidade imediata, de começar a olhar para o lado e ver além do visto. Decodificar além do código, apreender mitologias.

Quem sabe, assim, ao ler o mundo sem castrações, dando vazão à intuição e imaginação, coisas boas comecem a acontecer para além de um livro. Da potência para a ação. Ainda não morreu a esperança.

| Poesia Imaginada



FLAW MENDES (Paraíba) – Ilustrador e Artista plástico. Formado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Blog: www.flawmendes.blogspot.com

PERDIDO ENTRE TODOS OS ROSTOS DO MUNDO

Por Jhésus Tribuzi

Os sinos tocam. Apesar disso, não sei exatamente onde fica a igreja. Estou no quarto 1003 do Hotel Express em Porto Alegre, mas sinto que poderia muito bem estar em outro lugar, nos quartos numerados de Buenos Aires, Paris, Monteiro, por exemplo, ou, quem sabe, numa casinha qualquer, mais distante. Bem mais distante. Um antigo amigo, poeta, costumava dizer que é bom ficar afastado, “longe de tudo aquilo que nos faz ridículos”. Nunca perguntei como sabia, exatamente, o que o tornava ridículo. Logo ele que, mesmo nos seus piores dias, jamais me pareceu acossado pela vergonha de si próprio. Desconheço que fim levou. Talvez tenha morrido. Se afastado eternamente. Talvez tenha sido justamente o fantasma de suas palavras que, horas atrás, voltou para me assaltar. Talvez.

Eu andava pelo centro, em carga total pela Rua dos Andradas, disposto a tomar um café e comer um pedaço de bolo. Desajeitado, sôfrego, agindo como se a caféina e o doce fossem as coisas mais importantes do mundo, imaginei o que o poeta diria caso me visse. “Ai está o seu ridículo”, diria. De fato. Mas era o melhor a fazer, pensei: alimentar o moribundo corpo físico para que ele não morresse antes da hora e pudesse continuar descendo alguma dessas ruas, servindo de receptáculo para algo, sempre descendo, sempre em frente, apesar de tudo. De qualquer forma, o fato é que, enquanto seguia meu caminho, notei certa comoção na Praça Montevideu. Uma turba de pessoas se amontoava no local. Seus rostos se dirigiam para um ponto em comum que eu, de onde estava, não conseguia vislumbrar. Parei. A cada segundo chegavam mais cabeças e braços e pernas, todas atraídas pelo imã do acontecido que se instaurara. Passos rápidos tropeçavam entre si.

Não podia ser coisa boa, concluí. Nenhum amontoado de seres humanos se junta tão rápido para ver algo edificante. Talvez fosse melhor chegar mais perto. Uma voz masculina à minha direita entoou uma exclamação chorosa e dirigiu-se rumo ao tumulto. Acabei indo atrás. Não havia como ignorar, deixar passar. O horror. Talvez ele já estivesse ali desde sempre. Talvez eu acabasse me aproximando de qualquer jeito, quem sabe mais rápido caso tivesse sido o primeiro a vê-lo, caso tivesse sido o meu dedo a apontar em direção ao que não deveria ser, como quem diz para todos que aquela coisa não era o princípio, mas, sim, o resultado.

O resultado de quê, pensei, o resultado de quê, e continuei repetindo a pergunta enquanto me aproximava um pouco mais do enxame de braços, pernas, cabeças e olhos que zumbia procurando um sentido para tudo aquilo, todos embaralhados entre si, atrapalhando-se mutuamente. A massa humana já tomava parte da pista e começava a atrapalhar o trânsito. Eu, ainda distante, continuava sem visão do acontecido. Muita gente ao meu lado também não tinha a mínima idéia dos fatos, mas inferi que todos pareciam pensar a mesma coisa, também

repetindo a pergunta que rondava minha cabeça. O resultado de quê? De quê? E, enquanto pensava nisso, ouvia comentários de gente que saía do meio do tumulto e de outros, que observavam, assim como eu, aqueles que saíam do meio do tumulto.

Uma velhinha, postada atrás de mim, disse que estava com vontade de chorar. Um senhor, mais novo que ela, quis saber por qual motivo. A velhinha disse que aquilo era triste. O senhor perguntou o que tinha acontecido de tão triste. A velhinha disse que não sabia direito, mas que era triste mesmo assim. O senhor perguntou para alguém e esse alguém disse que possivelmente, pelo que ouviu de outra conversa, tinham matado uma criança. A velhinha disse um palavrão. O senhor disse que queria ir lá, mas o alguém o fez entender que não dava para chegar mais perto e que o jeito era esperar ou ir embora. Tinha muito sangue, o corpo estava despedaçado. Do ponto em que estávamos, só dava pra imaginar.

Pessoas surgiam cabisbaixas. Outras, mais lentas, ficavam andando para lá e para cá, desnorteadas, falando sozinhas. Tremiam. Pareciam desprotegidas. Será que tinham noção disso? Será que, caso observassem seu reflexo em um espelho qualquer, teriam vergonha? E eu, perdido, não estaria do mesmo jeito?

Alguns carros furaram o bloqueio humano, passaram pelo meio fio e deram um jeito de ir embora. Uma mulher foi cuspada da praça e logo foi tomada por questionamentos do enxame cada vez mais barulhento. Não pude ouvir muito, mas a velhinha e o senhor sim. Não era uma criança, era uma adolescente. Uma puta. Bem novinha. Não havia sangue, mas muita água. Ela parecia ter se afogado. O que ninguém entendia era como o corpo foi aparecer logo ali. A brigada não sabia e não dava pra começar a investigar. Tinham que tirar o defunto do local. Alguém disse que ela estava toda inchada, toda roxa, mas que dava pena e que ninguém queria mexer na moça, com aqueles olhos esbugalhados, a boca semi-aberta em desespero e os cabelos... A mulher disse que ela tinha cabelos bonitos. Lisos. Molhados. Parecia que a tinham penteado. Era triste.

Como fizeram isso com ela? Queria chegar mais perto. Já sentia mãos me pressionando, empurrando minha cintura, e logo notei que o tumulto só aumentava. Não dava pra ficar parado, sem ver nada, só pensando, sem saber como perguntar direito, enquanto zumbiam suspiros sobre as mãozinhas da puta-criança que tinha aparecido morta. Todos os rostos estavam lá, olhando para o mesmo canto, configurando-se como uma máscara gigantesca, cheia de olhos e narizes que fungavam perto das bocas abertas em pesar. Os rostos da máscara sabiam que, apesar de tudo, das coisas que insistem em nos dizer e apresentar, estamos fadados ao mesmo resultado, ao mesmo ponto final que nem todos podem ver; só sentir, pressentir, rezar e bradar para algum canto, talvez escrever, talvez pensar em estar longe, querer estar longe, mas simplesmente dizer que é melhor ficar, só permanecer ali como se isso fosse, de fato, o melhor a ser feito, como se tudo fosse mudar com a descoberta do quão horrível e triste algo pode ser.

Ou qualquer coisa que inventem para disfarçar o ridículo da situação toda: o ridículo

de estar ali, de querer continuar ali só pra tocar em um pedaço daquele mistério e tentar ver a digital de nossa própria vergonha.

Quis ir embora. Quis ficar longe. Mas só consegui ir pra frente, só consegui empurrar, virar a cabeça, apurar os ouvidos. Fechei os olhos. E continuei em frente, seguindo. Perguntando. Tocando. Era melhor assim. Tinha muito tempo até o hotel fechar. Lembro que pensei numa poesia. E comecei a rir.

De André Ricardo Aguiar

Estudo sobre a leveza

Nada pesa
mais que o coração,
sombra de pluma,
selo sobre a carne,
aragem.

E basta um corte profundo
para revelar um mapa de cicatrizes
nunca usadas.

E é a primeira das mortes
pela leveza.

Bilhete a Bishop

Tudo soa como perda,
a mesa, esse poema,
uma cachaça,
um continente,
o alarido abstrato
dos quintais,
pétalas do calendário,
o amor
(esse outdoor silencioso)
runas e ruínas
o tempo cronometrado
do metrô,
as segundas exiladas,
os domingos
em ponto morto,
tudo soa e ressoa
melancolicamente
pequena luz
para insetos:

a perda,
maçã sabendo
a paraíso perdido.

Mudança

O deus de uma casa
não é igual ao deus de outra casa.

Dois terços de mim são raízes,
nenhum fôlego é alicerce.

Mudar é um enigma
só para plantas.

Retrato em branco e preto

Os seios de minha amada
não impedem a luz do sol

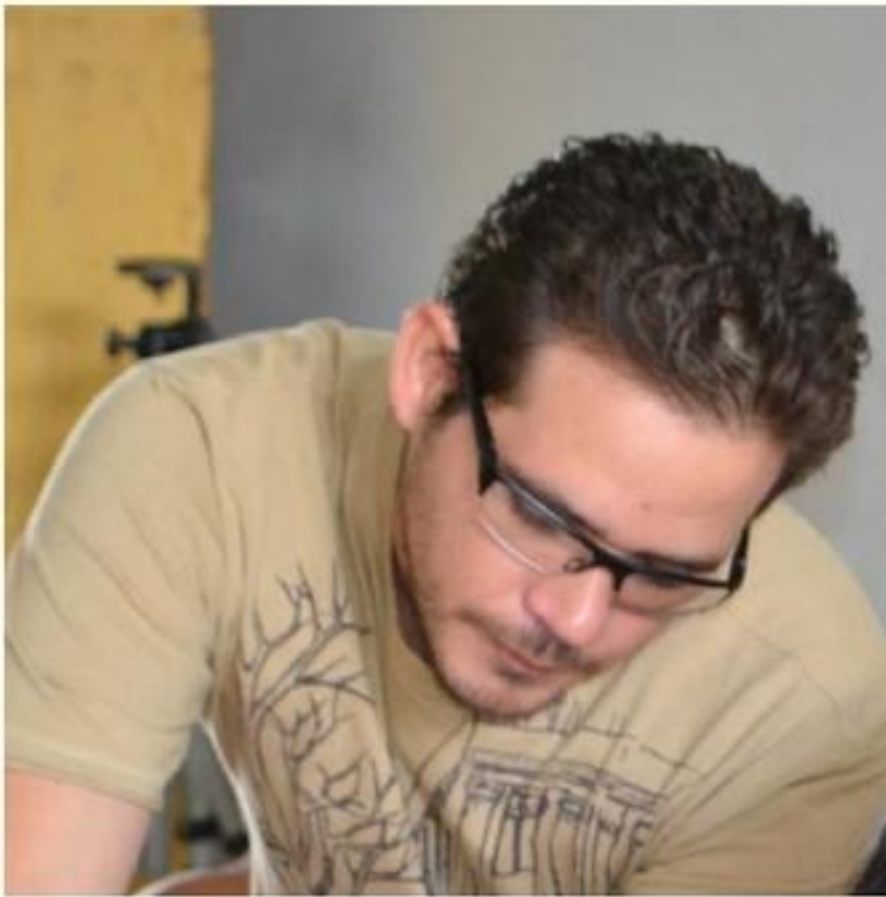
são altares onde as andorinhas
brincam de existir

um pouco mais ao sul
(corte rápido e vermelho)
descobri um pomar-para-dedos

onde o pouso de barco
abrandava uma língua de sede

onde os poros da carne
não me tomam por cego
mesmo sem os tatos

da luz.



Arnilson Montenegro é macaense (RJ), mas mora em Campina Grande - Paraíba, cursa História pela Universidade Estadual da Paraíba, vem atuando como artista visual, com foco em xilogravura, sendo também conhecedor de outras técnicas gravuristas.

Tem desenvolvido belíssimos trabalhos na Paraíba, ministrando oficinas para resgatar e fortalecer o saber e tendo participando de diversas exposições e salões ao longo de 10 anos. Recentemente, ganhou o prêmio de aquisição no Salão de Artes Visuais do SESC, 2012.



Na imagem ao lado, detalhe da matriz em madeira, em processo de “corte”, que consiste em retirar, de acordo com a imagem escolhida, lascas de madeira com utensílios apropriados para xilogravura, chamados “goivas”.



A arte utilizada na capa compõe o mural das artes visuais em homenagem ao Programa Diversidade da TV Itararé. Confira o vídeo clicando no ícone.



Adon, 2012, Xilogravura, Suporte: papel Canson, Tinta Tipográfica, matriz de madeira ecológica MDF.
Dimensões: (0,35x 1,00) suporte (90,5 x 21,5) cm área impressa.



Outros trabalhos do artista, confira sua página no Facebook:
<http://www.facebook.com/arnilsonjunior>

NÚCLEO
LITERÁRIO



Novo
site da →



Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

www.revistablecaute.com.br

Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

revistablecaute@gmail.com

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto *Microsoft Office Word* (2003 ou superior) e se enquadrar nas seguintes categorias:

Poemas (devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total);

Conto (poderá ser enviado apenas um conto, sugerimos no máximo oito páginas);

Ensaio (poderá ser enviado um ensaio sobre temas ligados à literatura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas, sugerimos o máximo de oito páginas);

Dicas de Leitura (poderão ser enviadas três dicas de leitura, com até uma página, acrescida de uma imagem da capa do livro sugerido em boa resolução).

Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.



issuu™
You Publish!

<http://issuu.com/revistablecaute/docs>

